



LEVANTE-SE O RÉU OUTRA VEZ

Rui Cardoso Martins

LEVANTE-SE
O REU
OUTRA VEZ

Prefácio de António Lobo Antunes

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVI

ÍNDICE

PREFÁCIO, por António Lobo Antunes	II
Na chamada vida, outra vez	17

LEVANTE-SE O RÉU OUTRA VEZ

O talhante artista marcial	21
Manobra de amor	24
Um velhote afável e torpe	27
O artista internacional	30
Uma cega que não vê	33
Mohamed só procura um lugar para viver	36
A vida negra de Vitorino	39
O caso do furto cultural	42
O pau de Palatino	45
Um sexo para os anjos	49
A Páscoa de Alzira	52
Levi's: a verdade a que temos direito	55
O pai do Mendes	58
O ladrão de cuecas	61
O rapaz polaco	64
Direito a pensar e pneus	68
A florista	71
De como o jornal <i>Público</i> desencaminhou um jovem	74
A mancha era sangue	77

© 2016, Rui Cardoso Martins
Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Levante-se o Réu Outra Vez*
Autor: Rui Cardoso Martins
Prefácio: António Lobo Antunes
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Maio de 2016

ISBN: 978-989-671-315-7
Depósito Legal n.º 408072/16

Mário e as amigas	81
Conto de Natal vazio	84
Quem o agarra?	87
O filho do general e o cigano	90
Lá na esquadra falamos	94
Um castiço português	97
O avô dos bolos.	101
O rapaz que ainda há-de ser polícia.	104
Notícias do Paquistão	107
O filho nunca disse nada	110
A vigilante da noite.	116
Mr. Jonathan no Intendente.	119
A pior manhã da vida	122
O essencial e o acessório	125
A vida toca a todos	128
Um tiro nas estrelas	132
As peúgas do pescador.	135
Não discutas o troco com o senhor polícia	138
O ladrão de jazz.	142
A grande equipa da construção civil	145
Foi sem querer.	149
Nos santos populares.	152
Vidas de cão.	155
A reviravolta	158
O cavalheiro do asfalto	161
A pistola do ex-subchefe	164
Santos perigosos	168
Doze contos de Natal	171
O desastre das irmãs	174
Abençoada tuberculose.	177

O fura-pneus	180
O informador	184
O paralelepípedo é redondo.	187
O regresso de Margarida	190
O diabo do advogado.	193
O orgulho.	196
Um mal nunca vem só	199
Acabaram-se os caracóis	202
Um advogado em fuga	206
O passado volta sempre.	209
O filho enamorado.	213
Por um triz.	217
Procuo os meus donos	221
O dia da libertação.	224
Dá-me a tua mão.	228
A febre do ouro	232
O verdadeiro falso	236
O ruído mental	239
A batalha inútil	242
É normal.	246
O relatório	249
Um caso insignificante	253
A visão lateral	256
O derivado de gasolina	259
O anjo sucateiro	262
Sete amnésicos num carro.	265
A Bruxa.	268
Uma rosa na lua.	271
A cilada.	274
O pior álibi do ano (e a cabala involuntária)	277

Francisco de Lisboa	280
O frágil rochedo	283
Medo dos ladrões	286
Mudar de vida	289
O balancete do condomínio	292
Senhor do passado	295
O homem que estava chateado	298
O pacotinho da sorte	301
O homem autovigiado	304
Ou quatro ou 40	307
Pela parte do pai	310
Erro de paralaxe	313
Isto e aquilo e o outro	316
Fragmentos duma colisão lateral	320
Um carteirista rolante	323
O grande <i>crash</i>	326
Dois Chaparros, um telemóvel	329
Um sinal vindo do chão	332
Sexo à janela	335
O que é que tens aí?	338
O usurpador	341

PREFÁCIO

por António Lobo Antunes

A primeira vez que ouvi falar no nome de Rui Cardoso Martins foi pela boca do Zé, ou seja do escritor José Cardoso Pires, o meu melhor amigo. O Zé sempre foi um homem de poucas palavras e de muito poucos elogios. Era um leitor extraordinário na segurança do gosto, muitíssimo exigente no que dizia respeito à qualidade de um texto, sem concessões de qualquer espécie fosse no que fosse, sobretudo quando se tratava de literatura. Dizia, por exemplo:

— Posso ser amigo de um pedreiro, de um médico, de um arquitecto, de um jogador de futebol. Para ser amigo de um escritor tenho que admirá-lo.

De modo que era amigo de muito poucos. Tinha um faro de perdigueiro para o talento e um desinteresse total pela falta de qualidade. Falávamos todos os dias, estávamos juntos em muitos deles nos intervalos do trabalho. Um dia perguntou-me, assim de repente:

— Conheces o que faz um caramelo chamado Rui Cardoso Martins?

e eu fiquei calado a olhá-lo porque não tinha a mínima ideia de quem pudesse ser e desconhecia por completo aquele nome. O Zé acrescentou

— Escreve

palavra que era muito rara nele, mesmo ao referir-se a pessoas que faziam livros, ou antes, sobretudo rara ao mencionar pessoas que faziam livros. E o Zé

— Tens de ler
o que era mais raro ainda.

Demorou-se em silêncio, de olho a boiar no uísque, desceu até ao fundo do copo, voltou à tona:

— Escreve

e outro mergulho no uísque. Ao voltar trazia uma nova frase consigo

— Lê

seguida de outra mais comprida

— O que se produz neste país é uma merda mas este é bom e ainda por cima o cabrão além de dar-lhe bem tem humor.

O que era importantíssimo para ele, que não acreditava existirem bons escritores sem humor. Quantas vezes, por exemplo, andámos às voltas com uma frase de Cervantes: «não se pode nada contra o céu sobretudo se está a chover.» Eu

— Escreve o quê, esse?

porque isto de letrados fia fino. E o Zé rente ao uísque, metade dentro, metade fora, de pupilazinha a furar-me:

— Coisas àcerca de tribunais, tão bem cozinhadas que nem se dá pelo fogão aceso. Um cabrão.

O que, nele, correspondia a um alto elogio. Por exemplo Proust era um cabrão, Saramago era Saramago só, sem direito a título. E depois alargou-se um pouco àcerca da forma como o tal Rui Cardoso Martins calibrava a prosa, àcerca do equilíbrio que conseguia manter durante o texto inteiro, da forma como o andamento das palavras se mantinha fluido, sem caroços, da naturalidade com que o humor circulava nas veias dos parágrafos, à vista quando era necessário, meio escondido quando o não era e, no entanto, sempre presente, como presentes a segurança da mão, o pudor da ternura, a leveza contida da compaixão, o respeito ao mesmo tem-

po distante e próximo, o pudor de estar ao lado do sofrimento, tocando-lhe sem lhe tocar, porque não é preciso mexer nas pessoas para gostar delas, nem mudar-lhes os traços e os gestos para as amarmos. Repetiu

— Cabrão

do interior do uísque, juntou-lhe um

— Fico à espera do que ele vai fazer a seguir

e desapareceu por completo no copo. Ou seja estava cá fora mas estava todo lá dentro, a moer, a moer, e eu a ouvir-lhe as rodas dentadas da cabeça.

— Fico à espera do que ele vai tramar agora

porque o Zé nunca foi invejoso e um bom naco de prosa, vindo fosse de quem fosse, alegrava-o sempre. Neste caso alegrava-o aquilo que o dito Rui Cardoso Martins fabricava.

— Lê

aquilo que o dito Rui Cardoso Martins estava a conseguir, e ele, para espanto meu, tinha a certeza que acreditava no caramelo. Havia uma espécie de contentamento na sua cara lavrada de rugas, ossos, pregas, que um sorriso, volta e meia, transformava numa espécie de fauno irresistível. Por essa época sofria com um livro

(ele sofria como um cão com os livros, afirmava-me sempre

— É necessário que a gente sofra para que o leitor tenha prazer enquanto eu pensava

— Olha a novidade enquanto eu respondia

— Olha a novidade

e ele me poisava a mão no ombro a desfazer-me os ossos

— Meu cabrão, meu cabrão

eu, para ele

— Começo a ficar farto das tuas declarações de amor

a desfazer-lhe os ossos também porque não gosto de ficar aleijado sozinho)

nessa época sofria como um cão com um livro e ainda arranjava tempo dentro de si para se preocupar com o fulano Rui Cardoso Martins, que escrevia coisas nos jornais, eu que desconfio das criaturas que escrevem coisas nos jornais, quer dizer, não acredito lá muito no seu talento. Estávamos nisto, calados, quando o Zé me intimou

— Lê

num tom quase urgente que não era habitual. Então fitámo-nos um ao outro da maneira que usávamos sempre quando nos fitávamos um ao outro. Só que, desta feita, o seu

— Lê

era imperativo. Sempre que um de nós falava assim ao outro o outro obedecia. Então fui ler, e tudo aquilo que o Zé me tinha dito estava lá de facto. De modo que quando o Zé me perguntou

— Leste?

Acenei-lhe que sim. E de modo que quando o Zé me perguntou

— Que tal?

eu, que não bebo, quase tive vontade de pedir um uísque para mim, no intuito de lhe responder, lá de baixo

— É tão cabrão como a gente.

E julgo que não é preciso acrescentar mais nada.

Ao Vasco (de Castro)

Na chamada vida, outra vez

Eis mais cem crónicas de tribunal, de entre as centenas que publiquei durante 17 anos no jornal *Público*. Contando com o primeiro volume, *Levante-se o Réu*, atinge-se o cúmulo jurídico de 200 semanas de escrita efectiva. E não me arrependo, não me arrependo nada.

Mas chega de manobras dilatórias.

Repito apenas, neste volume, duas ou três explicações do anterior prefácio. Por exemplo, que não se pode mentir em jornalismo. A realidade – a chamada vida – é que tem muita imaginação. Este livro contém histórias dos tribunais portugueses, com pessoas reais e crimes verdadeiros. Só alterei os nomes para proteger as identidades nas situações mais delicadas.

Acredito que *Levante-se o Réu Outra Vez* mantém, e talvez aprofunde, a variedade de casos, a tragicomédia do primeiro volume: amizade, amor, sexo, traição, homicídio, incesto, pedofilia, maus-tratos, violência doméstica, ciúme, abnegação, racismo, religião, sorte, azar, premeditação, acidente, maldade, bondade, estupidez, egoísmo, heroísmo, mesquinhez, cultura, ignorância, riqueza, miséria, humor. Humor. Velhos e crianças. Anjos e monstros. Casamentos e divórcios. Medo e alívio. Polícias, ladrões, burles, pilha-galinhas, loucos, sonhadores, prosaicos. Vida e morte. Toda a humanidade em Portugal.

Relembro a questão cambial, já que a nossa capacidade de converter euros em escudos se está a perder: quando se fala em

«contos» (mil escudos), temos de multiplicar por cinco para obter a equivalência em euros. Um homem ganha 50 contos: é igual a 250 euros.

Um beijo à Inês Rodrigues, uma vez mais, pelo trabalho de recolha e listagem dos textos (e pela paciência em geral).

Obrigado à Tinta-da-china, em especial à Rita Matos, pela incansável revisão e edição, e à Vera Tavares, por mais uma bela capa portuguesa para um livro português.

E ao António Lobo Antunes, meu amigo, por tudo, e por revelar, tantos anos depois, o comovente insulto que os escritores que eu mais admirava, mas que não conhecia pessoalmente, usaram para falar deste trabalho e de quem nele penava.

Rui Cardoso Martins

LEVANTE-SE O RÉU OUTRA VEZ



LEVANTE-SE
O RÉU OUTRA VEZ

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 g,
em Abril de 2016.